

A FRANÇA VOTOU! E AGORA?

por Mário Soares

Os resultados do referendo, realizado em França, sobre o Tratado Constitucional Europeu, ultrapassaram as expectativas que as sondagens tinham revelado: 56% a favor do não; e 44% a favor do sim.

Segui a emissão da TV5, e verifiquei que os principais protagonistas políticos franceses foram colhidos de surpresa, porque não esperavam uma tão grande participação do eleitorado nas urnas (cerca de 70%) e uma vitória tão significativa do não. Todos, a Direita e a Esquerda, consideram, porém, tratar-se de um acontecimento político da maior relevância - a expressão da vontade política dos franceses - dado que implica uma paragem, que durará longos meses a reparar, para a União Europeia (na melhor das hipóteses) e uma derrota indisfarçável para o Presidente Chirac, que fez campanha em favor do sim, para o Governo Raffarin, que já caiu, mas também para o Partido Socialista, que se dividiu ao meio e, provavelmente, para o seu primeiro Secretário, François Hollande.

A hipótese de um novo Governo francês, parece inevitável. Le Pen foi mais longe: pediu a demissão do próprio Presidente da República, Jacques Chirac e novas eleições legislativas. Emmanuelli, falando em nome dos socialistas, que votaram não, limitou-se a referir o exemplo do General De Gaulle que, vencido num referendo sobre a regionalização, se demitiu das suas altas funções. Para bom entendedor...

Na União Europeia as reacções não se fizeram esperar: foram quase unânimes de preocupação e tristeza, de grande inquietude quanto ao futuro da União. Afastado o Tratado constitucional, mesmo que provisoriamente, o que fica? O regresso ao Tratado de Nice, que é muito menos social do que a Constituição aprovada pelo Conselho Europeu, que agora foi recusada pelo eleitorado francês, em boa parte (pelo menos à Esquerda), por ser excessivamente neo-liberal e representativa do pensamento único.

É certo que a Dinamarca e a Irlanda já passaram pela experiência de votarem contra os Tratados de Maastricht e de Nice e, numa segunda votação, os vieram a aprovar. O exemplo não se aplica à França. A França, como a Alemanha - cujo Governo está agora mais fragilizado, com a derrota recente que sofreu na Renânia - Westphalia - são, historicamente, com a sua reconciliação e vontade de paz, o motor da construção europeia. Não é, por isso, muito provável que a França venha a submeter-se a uma segunda votação, mesmo que as circunstâncias francesas e europeias se alterassem profundamente. Por exemplo que o Tratado viesse a ser "renegociado".

Acrescente-se que o não francês pode alastrar a outros países europeus. Quando me estiveram a ler, a Holanda já poderá ter dito Não à Constituição. Embora esta - note-se - já tenha sido ratificada por nove países europeus, em vinte cinco, entre os quais a Espanha, a Itália e a Alemanha. Outro referendo será o nosso, cujas eleições marcadas para Outubro, simultaneamente com as autárquicas, até agora pareciam ser "favas contadas" mas que, à luz da experiência francesa, poderão vir a tornar-se mais problemáticas. Apesar dos principais partidos políticos portugueses, em conformidade com as sondagens, se terem declarado favoráveis ao sim.

Os responsáveis da União - o Presidente em exercício, o luxemburguês Jean Claude Juncker, o Presidente do Parlamento, o espanhol Josep Borrell, e o Presidente da Comissão, Durão Barroso - disseram que a Constituição não está morta, que os processos de ratificação devem continuar e que se trata de um golpe grave na construção europeia mas - em suma - que a vida continua. É claro. Resta saber, como? A próxima Cimeira está marcada para 16 e 17 de Junho e só então se poderá perceber qual o caminho que irá ser seguido. Se a paragem fosse só essa, os estragos não seriam enormes...

Contudo, os responsáveis europeus não podem ignorar o que representa o não francês. Tem um valor simbólico. Em primeiro lugar a União tem um enorme déficit democrático. Depois, as

instituições da União estão profundamente afastadas do eleitorado europeu. Ora, há hoje, e manifesta-se, uma activa cidadania europeia - aliás reconhecida, pela primeira vez, como tal, na Constituição - que se exprime e deve ser ouvida. É preciso que o seja! E não o foi - recordemo-nos - quando das eleições europeias. Blair, Chirac, Schröder, Berlusconi e Durão Barroso foram os principais perdedores das eleições europeias e nada se passou com eles. O modelo social europeu deve ser reforçado; a preversão neo-liberal e o chamado "pensamento único" corrigidos; o desemprego e a exclusão social, combatidos seriamente; os valores democráticos, os Direitos Humanos e o Direito Internacional, respeitados; e assim por diante...

O não francês foi bastante heterogéneo. Como, aliás, embora em menor sentido, o sim. Votaram não, à Esquerda: uma boa parte dos socialistas; a extrema Esquerda, maciçamente; os verdes; numa palavra: o mundo rural e os pobres das grandes urbes. E também muitos jovens. Mas votaram também não, os nacionalistas, Le Pen e companhia, os conservadores e os soberanistas de Chevènement. Quanto ao sim, votaram os apoiantes de Chirac, de Sarkozy, de Villepin, de François Bayrou e socialistas como Hollande, Jospin, Mauroi, Strauss-Khan, Delors, Jacques Lang, Moscovici, para só citar os mais conhecidos. Votaram sim, essencialmente: o centro Direita e o centro Esquerda, as elites intelectuais e as populações instaladas das grandes cidades. Por este quadro se verá que vai ser difícil deslaçar o "imbróglio" criado por esta eleição...

Emmanuelli, lider com Laurent Fabius, dos socialistas que votaram não, reclamou um grande encontro de toda a Esquerda, social e política - todos os socialistas incluídos, os que votaram sim e os que votaram não, os verdes e toda a Extrema Esquerda, troksquista, comunista, alteromundialista e o movimento sindical - também ele dividido - para encontrar uma saída, aproveitar a dinâmica criada, quer em termos franceses quer europeus, e para reequilibrar à Esquerda o ambiente político francês e europeu. Parece-me uma ideia interessante, mas dificilmente realizável.

Receio que o voto não, que representa à Esquerda, a política do "quanto pior, melhor", venha a ter um efeito boomerang e beneficie, objectivamente, a Direita. Dado o contexto internacional, tão desfavorável, é bastante provável que seja o que virá a passar-se...

O desemprego, a violência nos ghettos urbanos, a inadaptação a uma sociedade essencialmente mercantilista, a exclusão social, as manchas de pobreza, metem medo às populações europeias. E o medo é mau conselheiro. Oxalá m engane.

Tenhamos, contudo, esperança e sigamos com atenção - e determinados - a evolução da situação europeia. É paradoxal que a União, cuja experiência europeia desperta tanta atenção e apreço no mundo inteiro, levante tantas hesitações entre os Estados membros. Há aqui um déficit de comunicação das mensagens que urge ultrapassar. A Esquerda, principalmente, não pode desistir de lutar pela União Europeia. Visto que, sem alternativa à vista, continua a ser o projecto político e social mais original e fecundo do século XXI.

Lisboa, 2 de Junho de 2005